

## Trajetórias da produção agrícola e do autoconsumo na agricultura familiar de Salvador das Missões/RS: uma análise longitudinal entre os anos de 2002 e 2017

**Vanderlei Franck Thies** 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)– Viamão,  
Rio Grande do Sul, Brasil.  
e-mail: [vftc3@yahoo.com.br](mailto:vftc3@yahoo.com.br)

**Catia Grisa** 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Tramandaí, Rio Grande do Sul,  
Brasil.  
e-mail: [catiagrisaufrgs@gmail.com](mailto:catiagrisaufrgs@gmail.com)

**Marcio Gazolla** 

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Pato Branco, Paraná, Brasil.  
e-mail: [marciogazolla1@gmail.com](mailto:marciogazolla1@gmail.com)

### Resumo

O artigo analisa as diferentes configurações assumidas pela produção para autoconsumo na trajetória da agricultura familiar de Salvador das Missões-RS. Para isso, o trabalho conta com um estudo longitudinal de 58 famílias, cujos dados, por meio de questionários estruturados, foram coletados em janeiro de 2003 (referentes ao ano de 2002) e janeiro de 2018 (referentes ao ano 2017). Os resultados apontam que mudanças produtivas (incremento da produção de commodities e outros cultivos comerciais), demográficas (envelhecimento e diminuição do tamanho da família) e socioeconômicas (previdência e migrações urbanas) influenciam a prática da produção para autoconsumo. Embora presente em diferentes trajetórias familiares, ao longo dos anos, a produção para autoconsumo foi perdendo importância absoluta e relativa, ainda que respondendo por valores *per capita* expressivos.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar; questão alimentar; modernização agrícola; segurança alimentar; desenvolvimento rural.

### Trajectories of agricultural production and self-consumption in family farming in Salvador das Missões/RS: a longitudinal analysis between 2002 and 2017

#### Abstract

The article analyzes the different configurations of production for self-consumption in the family farming trajectory in Salvador das Missões-RS. The article takes a longitudinal study of 58 families, whose data, through structured questionnaires, were collected in January 2003 (concerning to the year 2002) and January 2018 (concerning to the 2017). The results show that productive (increase in the production of commodities and other commercial crops), demographic (aging and decreasing family size) and socioeconomic (social security



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

and urban migration) changes influence the production for self-consumption. Although present in different family trajectories, over the years, production for self-consumption has lost absolute and relative importance, even if accounting for significant per capita values.

**Keywords:** Family farming; food issue; agricultural modernization; food security; rural development.

## **Trayectorias de producción agrícola y autoconsumo en la agricultura familiar en Salvador das Missões/RS: un análisis longitudinal entre 2002 y 2017**

### **Resumen**

El artículo analiza las diferentes configuraciones asumidas por la producción para el autoconsumo en la trayectoria de la agricultura familiar en Salvador das Missões-RS. Para ello, el artículo cuenta con un estudio longitudinal de 58 familias, cuyos datos, mediante cuestionarios estructurados, fueron recolectados en enero de 2003 (para el año 2002) y enero de 2018 (para el año 2017). Los resultados muestran que los cambios productivos (aumento de la producción de *commodities* y otros cultivos comerciales), demográficos (envejecimiento y disminución del tamaño de la familia) y socioeconómicos (seguridad social y migración urbana) influyen en la práctica de la producción para el autoconsumo. Aunque presente en diferentes trayectorias familiares, a lo largo de los años, la producción para el autoconsumo ha perdido importancia absoluta y relativa, sin embargo contabilizando importantes valores per cápita.

**Palabras-clave:** agricultura familiar; cuestión alimentaria; modernización agrícola; seguridad alimentaria; desarrollo rural.

### **Introdução**

Desde o início dos anos 2000, a sociologia e a antropologia rural brasileira retomaram os estudos e pesquisas sobre a produção para o autoconsumo no âmbito da agricultura familiar. Ainda que não assim nomeada, a produção para o autoconsumo já havia sido objeto de atenção de diversos autores dedicados ao campesinato nos anos 1970 e 1980, muito influenciados por interpretações chayanovianas. Os trabalhos de Heredia (1979), Brandão (1981), Garcia Jr. (1983, 1989), Wortmann e Woortamnn (1997) e Candido (2001) mostraram como as famílias camponesas organizavam a unidade familiar de modo a garantir a sua reprodução física e social, sendo a produção para o autoconsumo uma prática fundamental. Os camponeses cultivavam diversos alimentos, mantinham a horta, a produção de frutas e a produção de animais domésticos, visando à alimentação da família e trocas comerciais e simbólicas.

A partir dos anos 2000, diversos estudiosos destacam que, ainda que mais inseridos nos mercados, envolvidos em cadeias globais de valor e permeados por diversas inovações sociotécnicas, os estabelecimentos rurais brasileiros e a agricultura familiar continuam mobilizando a estratégia da produção para o autoconsumo. Grisa, Schneider e Conterato (2014), com base nos dados do Censo Agropecuário de 2006, mostraram que a

produção para o autoconsumo estava presente em 72,72% dos estabelecimentos rurais brasileiros e em 85,74% dos estabelecimentos da agricultura familiar. Em 31% dos estabelecimentos rurais, a produção para o autoconsumo respondiam por mais de 50% da produção total do estabelecimento. Por sua vez, Bellé (2021), com base nos dados do Censo Agropecuário de 2017, aponta que 40% dos estabelecimentos rurais brasileiros têm como finalidade principal do estabelecimento a produção para o consumo próprio e para pessoas com laços de parentesco com o produtor, sendo este percentual de 42% na agricultura familiar.

Além da recorrência nos estabelecimentos rurais brasileiros, diversas pesquisas analisam a importância da produção para o autoconsumo na diversidade de grupos sociais e regiões brasileiras. Enquanto Dorigon et al. (2020), Menasche (2007), Grisa (2007) e Gazolla (2004) analisam a importância e contribuições da produção para o autoconsumo para a agricultura familiar, Grigol et al. (2022), Bellé (2021), Nascimento e Thies (2020), Jaehn (2019) e Dos Santos e Ferrante (2003) abordam as configurações dessa prática em assentamentos de reforma agrária. Também temos estudos que abordaram o autoconsumo em comunidade quilombolas (SANTOS; GARAVELLO, 2016), em pecuaristas familiares do Rio Grande Sul (FONTOURA, 2012), em comunidades ribeirinhas do Pará (ALMEIDA et al., 2021), em comunidades presentes em Unidade de Conservação no Amazonas (SILVA et al., 2016), em áreas de expansão da produção de commodities (COELHO; FABRINI, 2014) e em agricultores agroecológicos (SIQUEIRA, 2021; FIORESE, 2017).

Como apontado pela literatura, diversos elementos justificam a permanência e a reprodução dessa prática alimentar no contexto contemporâneo. Ainda que raramente respondendo a todas as demandas alimentares (sobretudo, em termos de quantidade), a produção para o autoconsumo contribui para a segurança alimentar das famílias ao oportunizar diversidade alimentar, alimentos frescos, coerentes com os hábitos e tradições alimentares locais, e geralmente sem agrotóxicos e outros insumos químicos, visando uma alimentação mais saudável (DUTRA et al., 2018; MENASCHE, 2007; GRISA, 2007; GAZOLLA, 2004). Ademais, conforme estudos de Dorigon et al. (2020), Grisa et al. (2020), Leite (2003) e Lovisolo (1989), a produção para o autoconsumo aparece como uma economização, seja na perspectiva de aproveitar o tempo e a força de trabalho ociosos e marginais do estabelecimento, produzindo para o consumo familiar, seja com a finalidade de deixar de gastar com a aquisição de alimentos nos mercados. Trata-se, portanto, de uma forma de renda não monetária.

Outros autores também destacam a relação da produção para o autoconsumo com a sociabilidade no espaço rural, na medida em que está imbricada em momentos de confraternização e em trocas e/ou doações para vizinhos, parentes e amigos. Por meio dos alimentos, sementes e mudas, as famílias rurais socializam saberes, experiências, tradições,

afetos e favores (BELLÉ, 2021; MARQUES et al., 2007; RAMOS, 2007). Ainda, outros estudos enfatizam a importância da produção para o autoconsumo na identidade social dos agricultores familiares. É motivo de orgulho para diversas famílias demonstrar que grande parte do que consomem vem do seu trabalho sobre a terra, que reproduzem a diversidade, as tradições e os saberes alimentares (TONEZER; PINHEIRO; PAGNUSSAT, 2019; WOORTMANN; WOORTMANN, 1997).

Ainda que com menor frequência, também tem sido objeto de atenção de alguns estudos rurais brasileiros a análise dos fatores que influenciam a realização dessa prática. Em pesquisa realizada em contexto de agricultura familiar no Rio Grande do Sul, Grisa, Gazolla e Schneider (2010) observaram que cultivos intensivos em força de trabalho (a exemplo da vitivinicultura, piscicultura e produção leiteira) poderiam reduzir a produção para autoconsumo. Por sua vez, ao compararem a produção para autoconsumo em sistemas de produção em assentamentos de reforma agrária do Rio Grande do Sul, Bellé (2021) e Jaehn (2019) observaram que esta prática apresentava maior valor econômico em famílias que se dedicam à produção de leite e menor naquelas dedicadas à horticultura. Já Grisa et al. (2020), em pesquisa em Chapecó e nos municípios vizinhos (Santa Catarina), observaram que a produção para autoconsumo era maior em estabelecimentos familiares dedicados à agroindustrialização e inseridos nos circuitos curtos e em compras públicas (Programa de Aquisição de Alimentos e Programa Nacional de Alimentação Escolar – os quais demandam, sobretudo, hortifrutigranjeiros e agroindustrializados) e menor naqueles dedicados à produção de grãos ou inseridos em sistema de integração vertical (aves e suínos).

Ademais, Grisa, Schneider e Conterato (2014) e Anjos et al. (2004) observaram que estabelecimentos rurais com menores áreas e valores de produção total apresentam menores valores da produção para o autoconsumo, ainda que seja nesses estabelecimentos que esta prática assuma maior importância relativa, principalmente entre agricultores familiares socialmente mais vulneráveis. Grisa, Gazolla e Schneider (2010) também destacam que maior número de pessoas economicamente ativas na família permite melhor distribuição das tarefas no estabelecimento e mais tempo disponível à produção para o consumo familiar. Por fim, a previdência social se mostra um fator controverso em relação ao autoconsumo, podendo favorecer a diminuição da prática em decorrência da possibilidade de compra de alimentos ou mesmo das condições físicas dos/as agricultores/as, ou pode incrementar a prática na medida em que se torna um passa-tempo para os agricultores mais idosos (GRISA et al., 2020; GRISA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2010).

Geralmente esses estudos partem de mensurações ou estimativas econômicas da produção para o autoconsumo em um ano agrícola e exploram as variáveis que podem explicar as diferenças de valores entre os estabelecimentos. Tomando a produção para o

autoconsumo como uma variável dependente, esses trabalhos abordam a influência de determinados fatores na produção de suas diferenciações econômicas. Embora relevantes, tais opções metodológicas apresentam uma fotografia da prática alimentar em um determinado momento, deixando lacunas sobre o seu comportamento ao longo dos anos ou mesmo sobre como o conjunto da organização familiar influencia em sua trajetória.

Considerando essa lacuna metodológica, este trabalho procura avançar na discussão dos fatores que influenciam o comportamento da produção para o autoconsumo a partir de um estudo longitudinal na agricultura familiar de Salvador das Missões, Rio Grande do Sul, entre 2002 e 2017. Particularmente, o objetivo do artigo é analisar as diferentes configurações assumidas pela produção para o autoconsumo (abandono, incremento, produção exclusiva, conciliação com produção comercial) de acordo com mudanças produtivas, demográficas e socioeconômicas ao longo de 15 anos das trajetórias familiares.

Para isso, o artigo foi estruturado em mais quatro seções. A próxima apresenta algumas características do contexto empírico e detalha os procedimentos metodológicos. A terceira seção apresenta mudanças na produção agrícola e na produção para o autoconsumo no intervalo de tempo analisado. A quarta seção mapeia quatro diferentes trajetórias assumidas por famílias de agricultores familiares do município, considerando mudanças na produção para a venda e na produção para o autoconsumo. Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

## **Contexto empírico e procedimentos metodológicos**

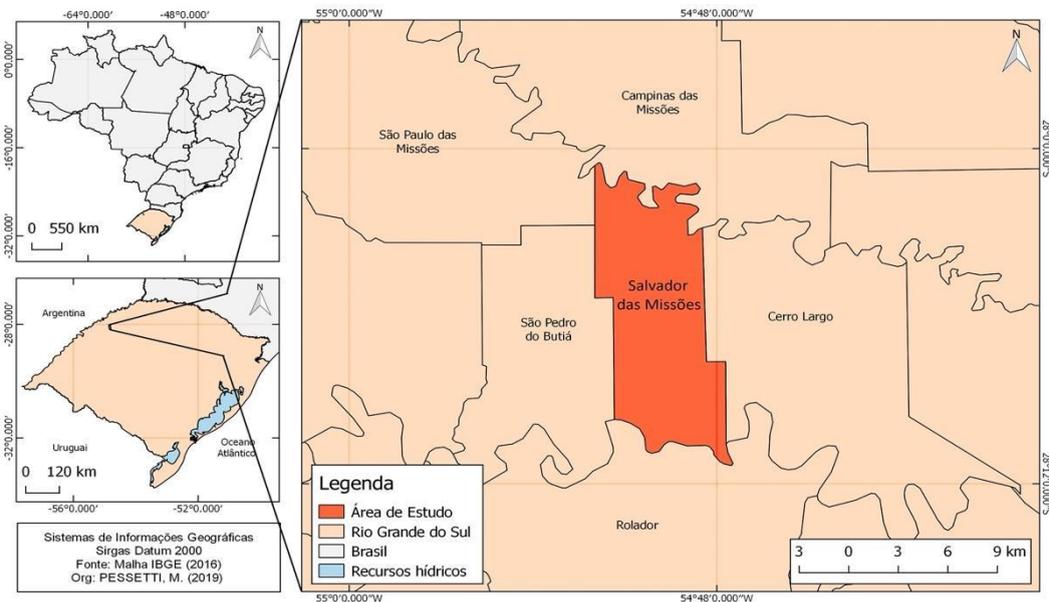
Localizado na região das missões, Salvador das Missões (2.669 habitantes em 2010) (Figura 1) é marcado pela presença de descendentes de imigrantes europeus (sobretudo alemães e italianos), apresenta características fundamentalmente rurais (a população rural perfaz 59% da população total; economia centrada na agricultura) e forte presença da agricultura familiar (engloba 86,19% dos estabelecimentos e ocupa 75,16% das terras do município), a qual está inserida principalmente nas cadeias produtivas da soja e do leite (THIES, 2020). Trata-se de um município ilustrativo das mudanças que a agricultura familiar sulista vem vivenciando a partir do *boom* das commodities no início dos anos 2000 (mercantilização rural, intensificação produtiva, inserção nas cadeias globais de valor, concentração produtiva e migração campo-cidade), o que o torna um contexto particularmente interessante para a análise das dinâmicas experimentadas pela produção para o autoconsumo.

A agricultura familiar é entendida como uma categoria social que utiliza, predominantemente, força de trabalho familiar para gerar produtos e alimentos destinados ao autoconsumo e a comercialização. Ela configura-se como forma específica de trabalho e

produção, onde a interação familiar por laços de parentesco e as conexões comunitárias com outras famílias são bastante intensas e de elevado valor simbólico (SCHNEIDER, 2016). A abordagem do rural aqui proposta parte do pressuposto que os agricultores familiares estão inseridos em ambiente mercantilizado e heterogêneo (CONTERATO et al., 2011) onde, no exercício de sua condição de atores sociais e frente a contextos históricos hostis (LONG, 2007; PLOEG, 2008), desenvolvem diferentes estratégias de resistência e estilos de agricultura com vistas a sua reprodução social, que funcionam como vetores do processo de diferenciação social e constituição de heterogeneidades no campo (SCHNEIDER, 2003; NIEDERLE et al., 2014).

Nesse sentido, Ploeg (2017) tem destacado a importância da realização de estudos longitudinais, para possibilitar a análise dos percursos históricos trilhados pelos agricultores. A constituição de bases de dados coletados em distintos momentos ao longo do tempo (comparação em painéis) permite observar elementos convergentes e divergentes nas trajetórias das famílias agricultoras, as dinâmicas de mudança agrária, os resultados em termos de capacidade de reprodução e diferenciação social das famílias e as tendências do desenvolvimento rural.

**Figura 1: Localização do município de Salvador das Missões no Estado do Rio Grande do Sul.**



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Ao encontro dessa interpretação, este trabalho realiza um estudo longitudinal em unidades familiares de Salvador das Missões. Os dados foram coletados em dois momentos distintos, sendo o primeiro em janeiro de 2003 (ano 1, referente ao ano de 2002), no âmbito do Projeto de Pesquisa Agricultura Familiar, Pluriatividade e Desenvolvimento Local no Rio

Grande do Sul: a emergência de uma nova ruralidade (AFDLP/2003)<sup>1</sup>, e o segundo em janeiro de 2018 (ano 2, referente ao ano 2017) no âmbito da realização da tese de doutorado de um dos autores desse artigo. Em 2003, os dados foram coletados por meio de amostra sistemática por comunidade, sendo selecionadas no total, por sorteio, 58 famílias. Nos dois momentos (2003 e 2018), as mesmas famílias foram tomadas como unidades de análise (SCHNEIDER, 2003) e foi levantado um amplo conjunto de dados que permitiu a construção de uma série histórica de informações sobre as famílias, as unidades de produção e a produção para o autoconsumo.

O principal instrumento de coleta de dados, nos dois anos da pesquisa, foi um questionário estruturado, composto de diversos blocos de questões sobre: a unidade doméstica: a família e seus componentes (idade, sexo, escolaridade, migração); as condições produtivas: estrutura fundiária, o capital e o trabalho disponível (forma de obtenção da terra, área total disponível, benfeitorias, máquinas, alocação do trabalho); os sistemas produtivos: o trabalho e o processo de produção animal e vegetal, destino da produção; o valor gerado: as rendas agrícolas e não agrícolas, valor agregado, valor bruto da produção, valor líquido, formação das rendas; aspectos sociais e políticos que afetam a agricultura familiar e o desenvolvimento local: participação política, meios de comunicação, expectativas sobre o futuro; as políticas públicas e o papel do Estado: acesso à assistência técnica, financiamento, Previdência Social, políticas locais, mercados institucionais. O mesmo questionário do primeiro ano (2003) foi aplicado novamente em 2018, sendo acrescentadas novas questões, sobretudo sobre as transformações vivenciadas no intervalo dos períodos.

Em ambos os anos, os procedimentos adotados na coleta dos dados foram padronizados segundo as recomendações do “Manual do Pesquisador”, elaborado especificamente para orientar o trabalho de campo (AFDLP, 2004). Os dados foram considerados através de análise histórica e comparativa (MARCONI; LAKATOS, 2010), utilizando os procedimentos de comparação de painéis e a estatística descritiva. Os cálculos econômicos seguiram os procedimentos recomendados por Lima et al. (1995). Os valores monetários, referentes ao primeiro ano da pesquisa, foram atualizados para o segundo ano do estudo, utilizando-se para tal o Índice Geral de Preços do Mercado (IGPM), que é calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e está disponível no site do Banco Central do Brasil.

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e executado em parceria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A pesquisa englobou os municípios gaúchos de Veranópolis, Três Palmeiras, Morro Redondo e Salvador das Missões. O acesso ao banco de dados deste último município possibilitou o desenvolvimento do presente trabalho que, em 2018, foi realizado em parceria entre a UFRGS e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – Cerro Largo).

Particularmente em relação à produção para autoconsumo, é importante ressaltar que se definiu como aquela parcela da produção animal, vegetal ou transformação caseira (agroindustrializados) que foi produzida pela e utilizada na alimentação da própria família (GAZOLLA, 2004). Uma vez identificadas as quantidades a partir do questionário, a precificação dos alimentos para autoconsumo dos agricultores familiares foi calculada com base na informação fornecida pelos mesmos, por técnicos da extensão rural ou levantada com informantes locais, levando em conta os preços recebidos pelos agricultores caso fossem comercializar estes produtos (primeiro elo do canal de comercialização) e não caso fosse comprar esses alimentos. Esta forma de proceder, na prática, subestima o valor da produção para autoconsumo, contudo, torna seus valores monetários alicerçados nas reais condições de reprodução econômica deste grupo social.

Para a classificação das trajetórias familiares seguidas pelas 58 famílias analisadas neste trabalho, adotou-se como critério principal o destino da produção agrícola, sendo eles para venda ou autoconsumo. A partir desse critério, observou-se quatro trajetórias: aquelas que produzem apenas para venda; aquelas que produzem apenas para autoconsumo; aquelas que produzem para venda e autoconsumo; e aquelas sem produção agrícola. Antes de tratar especificamente das características de cada uma destas trajetórias, discute-se as principais mudanças na produção para autoconsumo do conjunto das famílias entre os dois anos pesquisados.

### **Principais mudanças na produção para autoconsumo entre 2002 e 2017**

O primeiro aspecto considerado são as variações nos diferentes itens que compõem a cesta de alimentos produzidos pelas famílias pesquisadas e que são destinados ao consumo familiar. Na Tabela 1 observa-se alguns dos principais itens, onde se apresenta a quantidade total destinada ao autoconsumo e o número de famílias que produz cada um deles, bem como a taxa de variação na quantidade *per capita* anual de produção para autoconsumo pelas famílias. Em todos os casos observa-se redução do número de famílias que produzem os diversos itens para autoconsumo, apontando para uma redução da variedade de produtos. Chama a atenção que nenhuma família produz mais batata inglesa e mel, e há redução importante no número de famílias que produzem batata-doce, feijão, peixe e banha. As carnes (bovina, suína e de galinhas), leite, ovos de galinha, salame, mandioca, doces e conservas mantêm-se, em 2017, como os itens que são produzidos pelo maior número de famílias.

Também se nota uma tendência geral de redução na quantidade média *per capita* da maioria dos itens produzidos para autoconsumo, o que aponta para reconfigurações produtivas dos agricultores. Para além da batata inglesa e mel, que não foram mais

produzidos pelas famílias, há redução expressiva (acima de 30%) no consumo de batata doce, leite e peixe. Por outro lado, observa-se aumento na quantidade *per capita* de autoconsumo de carne suína, ovos, salame e conservas.

**Tabela 1: Principais produtos que compõem a cesta de alimentos destinados ao autoconsumo das famílias pesquisadas, 2002 e 2017.**

	2002		2017		Taxa de variação da quantidade <i>per capita</i> produzida autoc. 2002-2017 (%)
	Quant. produzid a autoc.	Núm. famílias que produz	Quant. produzid a autoc.	Núm. famílias que produz	
Mandioca (kg)	26.430	45	9.450	24	-25,71
Batata doce (kg)	3.750	23	430	5	-34,39
Feijão (kg)	1.121	17	130	2	-2,10
Batata inglesa	3.140	13	0	0	-100,00
Carne galinha (kg)	7.942,5	53	4.137,5	34	-6,06
Carne bovina (kg)	34.800	47	20.100	32	-15,69
Carne suína (kg)	11.700	38	10.100	28	33,56
Leite total (litros)	91.237	50	16.872	20	-57,87
Ovos (dúzias)	12.874	54	5.876	27	12,47
Carne de Peixe (kg)	3.470	30	1.336	9	-49,00
Mel (kg)	720	19	0	0	-100,00
Salame (kg)	3.085	42	1.965	23	37,61
Queijo (kg)	1.896	25	399,6	10	-23,70
Melado (kg)	845	9	340	8	-26,74
Vinho (litros)	1.350	8	460	4	-16,67
Banha (kg)	3.817	42	652	13	-24,18
Doces (kg)	4.242	51	1.028	19	-16,70
Conservas (kg)	1.296	39	1.002	18	100,81

Fonte: Pesquisa AFDLP (UFRGS; UFPel; CNPq, 2003) e pesquisa de campo (2018).

Além dos produtos listados na tabela anterior, a produção para autoconsumo também é composta por cultivos diversificados de hortaliças e frutíferas. O número de famílias que possuíam pomar passou de 53 para 51 e de horta passou de 54 para 49, sendo que esses cultivos são, tipicamente, destinados apenas para o autoconsumo, nos dois anos da pesquisa. A participação das hortaliças na composição do valor total produzido para o autoconsumo passou de 18,61% para 20,84%, enquanto a contribuição da produção em pomar passou de 18,78% para 16,58%.

Pode-se notar que o consumo de frutas e hortaliças quase não sofreu mudanças no intervalo dos dois pontos temporais pesquisados. Isso se deve a estes alimentos serem usados exclusivamente para autoconsumo das famílias, sem haver grandes quantidades produzidas, que geram excedentes que poderiam ser comercializados via alternativa produtiva (HEREDIA, 1979). Além disso, no caso das frutas, que são cultivos perenes com

maior longevidade produtiva, possivelmente os pomares existentes em 2002 continuaram sendo utilizados em 2017. No caso dos produtos de horta, possivelmente as famílias, fazendo o cálculo subjetivo chayanoviano, plantam somente o que consomem visando apenas cobrir as necessidades do grupo doméstico (CHAYANOV, 1974).

A diversidade de alimentos autoconsumidos da horta e do pomar podem ser vistos na Tabela 2. Contudo, exceto no caso da produção de rabanete, moranguinho e goiaba, visualiza-se a redução do número de famílias que desenvolviam a produção dos demais itens, também apontando tendência de diminuição da diversidade dos produtos de horta e pomar. Ainda que sejam necessárias análises mais amplas sobre mudanças nos hábitos alimentares, esses dados chamam a atenção por irem de encontro às orientações do Guia Alimentar da População Brasileira (BRASIL, 2014) e aos princípios da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), notadamente no que se refere à diversidade alimentar, consumo de alimentos *in-natura*, culturalmente adequados e promotores dos saberes e sabores territoriais (TONEZER; PINHEIRO; PAGNUSSAT, 2019).

**Tabela 2: Principais cultivos de horta e pomar para o autoconsumo e número de famílias pesquisadas que realizavam seu cultivo, Salvador das Missões, 2002 e 2017.**

Cultivo	Número de famílias		Cultivo	Número de famílias	
	2002	2017		2002	2017
<b>Hortaliças</b>					
Alface	49	42	Pepino	26	10
Repolho	52	42	Batata doce	26	9
Beterraba	48	36	Rúcula	27	9
Tomate	42	35	Moranga	32	8
Cenoura	48	35	Feijão	18	7
Mandioca	53	28	Brócolis	19	7
Cebola	51	25	Batatinha	13	3
Salsa	48	23	Radite	19	2
Alho	46	19	Rabanete	7	9
Couve	38	15	Moranguinho	4	8
Pimentão	26	13	-	-	-
<b>Frutíferas</b>					
Laranja	52	46	Limão	36	15
Bergamota	52	46	Caqui	30	11
Abacate	21	18	Pera	31	11
Uva	37	27	Maçã	20	6
Pêssego	48	34	Tangerina	23	3
Figo	31	15	Goiaba	14	15

Fonte: Pesquisa AFDLP (UFRGS; UFPel; CNPq, 2003) e pesquisa de campo (2018).

Em diálogo com diversos estudos, nota-se que muitos fatores contribuem para essa redução da produção para o autoconsumo. Considerando que Salvador das Missões acompanhou o *boom* das commodities desde o início dos anos 2000, destaca-se como fatores importantes a mercantilização dos espaços rurais, manifesta na inserção crescente dos agricultores aos mercados e a necessidade de rendas monetárias para fazer frente as

suas necessidades familiares (PLOEG, 2008). Nesse contexto, ocorreu aumento dos preços das commodities (por exemplo, milho e soja) no mercado internacional (SILVEIRA, 2017), que faz os agricultores expandirem suas áreas e tempo dedicado a estes cultivos, e o aumento dos preços das terras (BACHA; STEGE; HARBS, 2016; FRITZ et al., 2018), que impulsiona seu uso para fins comerciais e/ou as tornam mais rentáveis para obtenção de arrendamento.

Confluindo com essa interpretação, apresenta-se os dados da Tabela 3, que mostra o Produto Bruto da Produção Total<sup>2</sup> e o Produto Bruto da Produção para o autoconsumo do conjunto das famílias pesquisadas em 2002 e 2017. Observa-se que a produção agrícola total praticamente dobrou no intervalo de tempo analisado. Monocultivos de soja, milho e trigo, produção de suínos e leite são os principais produtos comerciais do município. Essa expansão demonstra a crescente capacidade de parte da agricultura familiar em internalizar tecnologias, usar sua força de trabalho e conhecimentos para a inserção nos mercados agrícolas de commodities, reforçando a tendência de aprofundamento dos cultivos e mercados privilegiados pelo processo de modernização da agricultura, que nos últimos anos têm sido reaquecido na agricultura familiar pelas mudanças nos mercados nacionais e internacionais e via crédito rural do PRONAF (PLOEG, 2008; SCHNEIDER; FERREIRA; ALVES, 2014).

**Tabela 3: Composição do Produto Bruto das famílias pesquisadas, em 2002 e 2017.**

Anos	Produto Bruto total (PBt) (R\$)	Produto Bruto autoconsumo (PBa) (R\$)	PBa/PBt (%)	PBa médio anual/família (R\$)
2002	4.002.461,07	578.198,39	14,45	9.968,94
2017	7.915.261,67	550.597,77	6,96	9.493,07

Fonte: Pesquisa AFDLP (UFRGS; UFPel; CNPq, 2003) e pesquisa de campo (2018).

Já a produção destinada ao consumo familiar apresentou pequena redução no valor total, todavia em termos relativos a diminuição foi bastante expressiva. Isso significa que, ao longo dos anos, o valor da produção para autoconsumo tem perdido espaço relativo no valor global da produção das famílias. Essa mesma tendência de redução foi observada ao se considerar o valor da produção média anual de cada família para autoconsumo. Dito de outra forma, em termos absolutos e relativos, o valor da produção destinada ao comércio aumentou, enquanto o valor da produção de alimentos para o consumo da própria família diminuiu.

<sup>2</sup> O Produto Bruto (PB) é obtido pela conversão em valores monetários de toda produção gerada pelas famílias ao longo de um ano agrícola, incluindo os produtos de origem animal, vegetal e agroindustrializados, que são vendidos ou consumidos pela própria família. Obtido pela multiplicação das quantidades produzidas pelos preços unitários de venda, em reais (R\$).

Se a produção para o autoconsumo diminuiu sua importância relativa no valor da produção total e mesmo o valor médio por família, por outro lado, observa-se que o valor da produção *per capita* mensal passou de R\$ 193,51, em 2002, para R\$ 253,50, em 2017, um aumento de cerca de um terço<sup>3</sup>. Convertendo esse valor em número de cestas básicas<sup>4</sup>, o aumento foi de 0,48 para 0,63 cestas por pessoa, por mês, entre os anos pesquisados. Essas variações são discutidas, conforme as distintas trajetórias familiares, na seção a seguir.

## **As distintas trajetórias em relação à produção para autoconsumo**

Conforme Thies (2020), nos estudos das trajetórias familiares interessa entender os processos de transformação do rural, tomando como unidade de análise as famílias agricultoras. Nesse tipo de estudo, busca-se compreender as dinâmicas das mudanças vivenciadas pelas famílias rurais, considerando suas configurações específicas, em termos demográficos e de condições produtivas, a partir das quais elas desenvolvem estratégias para se relacionar com a sociedade englobante e traçam caminhos e projetos, aqui denominadas de trajetórias, em interação com as transformações mais amplas dos espaços rurais e regionais em que estão imersas. Nos casos estudados interessa identificar, em particular, a dinâmica das trajetórias, desde a consideração de uma dimensão específica, que é a produção para autoconsumo.

Conforme o Quadro 1, quatro trajetórias foram percorridas pelas famílias pesquisadas. A trajetória percorrida pelo maior número de famílias foi a de permanência na categoria de agricultores familiares que produziam para o autoconsumo e venda nos dois anos da pesquisa, sendo denominada de Trajetória 1. A segunda trajetória percorrida com maior frequência foi aquela em que as famílias produziam para o autoconsumo e venda, no primeiro ano e, passaram a produzir apenas para autoconsumo no segundo ano da pesquisa, sendo chamada de Trajetória 2. A terceira trajetória mais acionada foi aquela em que as famílias produziam para autoconsumo e venda e descontinuaram integralmente a produção agrícola, sendo nominada de Trajetória 3. Por fim, a trajetória percorrida pelo menor número de famílias foi aquela em que as famílias produziam exclusivamente para autoconsumo e passaram a produzir para autoconsumo e venda, sendo essa a Trajetória 4.

---

<sup>3</sup> O valor da produção *per capita* mensal para o autoconsumo foi obtido dividindo-se o valor total da produção anual para o autoconsumo em 12 vezes (resultando no valor da produção mensal) e esse valor mensal foi dividido pelo número total de integrantes das famílias.

<sup>4</sup> Conforme a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos realizada pelo DIEESE (2016), a cesta básica considera o conjunto das provisões alimentares para suprir as necessidades mensais de um trabalhador adulto nas diferentes regiões do país. Para a análise aqui realizada seguiu-se o trabalho de Perkoski et al. (2018) que, com base na metodologia do DIEESE, mensurou o valor da cesta básica em Três de Maio (município próximo de Salvador das Missões), em outubro de 2017 (R\$ 405,66). Os valores da cesta básica calculados por Perkoski et al. (2018) foram deflacionados para o mês de referência das análises (setembro de 2017), utilizando-se o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IBGE).

**Quadro 1: Caracterização das trajetórias familiares em relação à produção para autoconsumo.**

Trajetórias	Descrição da trajetória	Número de famílias
1	Permaneceram produzindo para autoconsumo e venda nos dois anos da pesquisa	41
2	Produziam para autoconsumo e venda no primeiro ano e passaram a produzir exclusivamente para autoconsumo no segundo ano	10
3	Produziam para autoconsumo e venda no primeiro ano e interromperam toda produção agrícola no segundo ano	5
4	Produziam exclusivamente para autoconsumo no primeiro ano e passaram a produzir para autoconsumo e venda no segundo ano	2
<b>Total</b>		<b>58</b>

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Cabe destacar, em relação às trajetórias percorridas pelas famílias, que nenhuma delas, em nenhum dos anos pesquisados, desenvolvia produção agrícola exclusivamente para a venda. Assim, reafirma-se um dos traços da identidade sociocultural dessa categoria social, que é o desenvolvimento da produção de alimentos, sejam eles destinados para o consumo exclusivo da família, como é o caso da Trajetória 2, ou combinando a produção para autoconsumo e venda, como são os casos das Trajetórias 1 e 4. Por outro lado, a Trajetória 3 aglutina os casos em que ocorre a descontinuidade total da produção agrícola, que vem acompanhada pelo distanciamento das famílias dos espaços rurais e dinâmicas agrícolas, configurando, conforme Thies (2020), um processo de desagrarização familiar.

As distintas trajetórias sugerem que a produção de alimentos é um traço característico e marcante das formas familiares de produção e trabalho nos espaços rurais ao longo de sua história agrária. Essa estratégia está vinculada ao atendimento das necessidades biológicas básicas alimentares, como se referiram autores como Chayanov (1974) e a aspectos identitários ao “colono”, que se ancora especialmente na capacidade do agricultor familiar manter sua família, sustentada pela produção autônoma da maior parte dos alimentos consumidos, reduzindo a dependência dos mercados e atores externos a unidade de produção (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007; PLOEG, 2008). Ademais, também ganham importância questões simbólicas, de reciprocidade, festejos, interações comunitárias, trocas não mercantis de sementes, mudas e animais, dentre outras práticas sociais que fazem parte do modo de vida dos agricultores (WOORTAMANN; WOORTAMANN, 1997).

As quatro trajetórias identificadas diferenciam-se quanto a uma série de dimensões, sendo que algumas delas decorrem do ciclo demográfico. Na Tabela 4 percebe-se o viés

agrícola desenvolvido pelas famílias que integram a Trajetória 1, pois sendo composta por famílias mais numerosas e mais jovens, desenvolvem uma estratégia de valorização da produção agrícola, tanto para venda como para autoconsumo, sendo a única trajetória em que se observa elevação da Superfície Agrícola Útil (SAU) (de 17,31 para 23,37 ha, em média)<sup>5</sup> e também do capital médio de cada família (de R\$ 71,47 mil/família para R\$ 132,74, quase dobrando de valor). Nesses casos, o processo de sucessão rural mostrou-se mais efetivo, dada a presença mais intensa de crianças e jovens, o que aumenta o tamanho das famílias e reduz sua idade média, observando-se o processo de migração de forma menos intensa.

Nesta trajetória 1, os agricultores familiares estão conseguindo inserir-se nas práticas tecnológicas da modernização da agricultura, expandindo áreas, capital, inserindo-se nos mercados agropecuários de *commodities* e aumentando suas rendas com culturas comerciais, embora, não abandonem a prática do autoconsumo, pois esta continua identitariamente e economicamente importante aos seus processos reprodutivos. Esta parcela da agricultura familiar que compõe a trajetória 1 é aquela que, habilmente, Abramovay (1998) chamou de agricultores profissionais, por integrar conhecimentos científicos e tecnológicos em suas práticas sociais e guiar seus processos de reprodução em direção aos mercados, metamorfoseando-se em relação aos camponeses de outrora.

O forte viés agrícola da Trajetória 1 fica mais evidente ao serem observadas variáveis específicas dos sistemas produtivos, pois esse grupo de famílias concentra toda a produção de trigo e leite no segundo ano da pesquisa, bem como mais de 99% da área cultivada com soja e milho, além de semelhante proporção do efetivo de suínos e aves. Tipicamente, todas as famílias dessa trajetória possuem horta e pomar, realizam ativamente a transformação caseira ou agroindustrial de produtos para autoconsumo e o valor total da produção para autoconsumo, no segundo ano da pesquisa, foi composto por produtos de origem animal (52,06%), vegetal (35,50%) e da transformação caseira (12,44%).

Situação bastante distinta é observada na Trajetória 3, em que se nota maior intensidade de envelhecimento e a redução do tamanho médio das famílias, que passam a ser integradas especialmente por mulheres. Nessa trajetória, a proporção de mulheres passou de 29,41% para 83,33%, enquanto que, nas demais trajetórias, manteve-se em torno da metade, nos dois anos da pesquisa. A ausência de sucessores e/ou a migração dos mais jovens para as cidades são acompanhadas pela estratégia de saída do campo e da agricultura, sobretudo, quando os pais passam a ser beneficiários dos recursos da aposentadoria rural. Nesses casos, além de interromper integralmente as atividades agrícolas e desinvestir totalmente o capital mobilizado na agricultura, tipicamente vendendo

---

<sup>5</sup> A Superfície Agrícola Útil (SAU) corresponde a área utilizada com os cultivos ou pelas criações; é a parte da área total que é efetivamente usada pelos sistemas produtivos, medida em hectares.

as terras, as famílias que não residiam no urbano, no primeiro ano da pesquisa, para lá transferiram seus domicílios, entre os anos estudados. Em síntese, trata-se de um grupo de famílias especialmente integrado por viúvas, que descontinuam seus vínculos com a agricultura ao longo do tempo e urbanizam-se, para aproximar seus espaços de moradia com os domicílios de seus filhos anteriormente urbanizados.

Às Trajetórias 2 e 4 apresentam movimento semelhante em relação à redução do tamanho e aumento da idade média das famílias, bem como em relação à estratégia de desinvestimento de capital. No caso da Trajetória 2 ocorre a desativação da produção comercial, distanciando a família das dinâmicas dos mercados agrícolas, em conjunto com a reconfiguração dos sistemas produtivos, onde as formas camponesas de fazer agricultura ganham mais espaço em relação às formas empresariais (PLOEG, 2008). O foco das atividades agrícolas dessas famílias reside na produção exclusiva para autoconsumo, sendo uma trajetória marcada pela redução do capital e do tamanho das áreas utilizadas e manutenção das propriedades com foco no arrendamento das terras, como forma de complementar a renda. Além disso, essa trajetória também pode ser marcada pela transferência dos domicílios para vilas rurais ou para o urbano, sendo esses os espaços de residência de todas as famílias no segundo ano da pesquisa.

Nos termos de Ploeg (2008), poder-se-ia caracterizar o tipo 2 por uma estratégia de recampezinização, já que as famílias deixam de produzir comercialmente e inserem-se nos mercados, passando a destinar suas áreas e força de trabalho para reforçar a produção para autoconsumo, em uma estratégia de autonomia alimentar muito característica dos camponeses. A composição do valor total do autoconsumo provém majoritariamente da produção vegetal (73,48%), especialmente de hortas e pomares, mantidos, tipicamente, por todas as famílias nos espaços urbanos, enquanto a produção animal (carne de gado e suíno) e agroindustrial, mantidas pela minoria das famílias, respondem por, respectivamente, 18,89% e 7,63%. As novas configurações do espaço de moradia provavelmente colocam limitações para as criações animais ou processos de agroindustrialização mais robustos.

A Trajetória 4, em que pese ser integrada por apenas duas famílias, apresenta características distintas, pois trata-se de famílias que produziam exclusivamente para autoconsumo no primeiro ano da pesquisa e passaram a também produzir para a venda. Todavia, cabe destacar, que a produção para venda é constituída por quantidades pequenas, especialmente de grãos (soja e milho), em áreas reduzidas e cultivadas através da contratação de prestadores de serviços. Observa-se, portanto, estratégias de mercantilização e externalização da agricultura (PLOEG, 2008), já que as famílias se inserem nos mercados agrícolas à montante (insumos) e à jusante da agricultura. A produção para o autoconsumo provém especialmente da produção de horta e pomar, além da criação, em pequena escala, de suínos e aves, sendo essas atividades realizadas por

todas as famílias. Nesses casos, a produção vegetal passa a preponderar na composição do valor total do autoconsumo, respondendo por 56,03%, enquanto a animal é de 35,73% e a da transformação caseira de 8,24%.

**Tabela 4: Características das distintas trajetórias das famílias pesquisadas, 2002 e 2017.**

	Número médio de pessoas por família		Idade média dos integrantes das famílias (anos)		SAU média familiar (ha)		Capital médio familiar (em mil R\$)	
	2002	2017	2002	2017	2002	2017	2002	2017
Trajetoária 1	4,41	3,59	37,74	50,21	17,31	23,37	71,47	132,74
Trajetoária 2	4,10	2,40	41,19	60,42	20,03	10,54	51,78	15,67
Trajetoária 3	3,4	1,2	51,47	71,3	8,5	0,0	20,70	0,0
Trajetoária 4	5,0	2,0	41,32	61,0	3,73	7,5	26,67	9,87

Fonte: Pesquisa AFDLP (UFRGS; UFPel; CNPq, 2003) e pesquisa de campo (2018).

Ao comparar-se o valor da produção para o autoconsumo entre as trajetórias (Tabela 5), nota-se que as Trajetórias 1 e 4 aumentaram o valor da produção mensal *per capita* para o autoconsumo ao longo dos anos, respectivamente, de R\$ 210,90 (2002) para R\$ 279,83 (2017) e de R\$ 75,92 (2002) para R\$ 356,01 (2017). No caso da Trajetória 4, observa-se que a ativação da produção comercial foi acompanhada por forte crescimento da produção para autoconsumo. Por sua vez, as famílias que desativaram a produção comercial e mantiveram apenas produção para autoconsumo (Trajetória 2) apresentaram redução nos valores *per capita* mensal de produção para autoconsumo. Com base nisso, pode-se afirmar que, entre os casos estudados, a desativação da produção comercial afeta negativamente o valor da produção para autoconsumo.

**Tabela 5: Valor da produção e renda *per capita* das distintas trajetórias, 2002 e 2017.**

	Valor da produção para autoconsumo <i>per capita</i> mensal (R\$)		Renda total <i>per capita</i> mensal (R\$)	
	2002	2017	2002	2017
Trajetoária 1	210,90	279,83	946,01	3.087,85
Trajetoária 2	147,04	89,88	1.249,04	1.227,07
Trajetoária 3	189,53	0,0	1.195,23	2.122,47
Trajetoária 4	75,92	356,01	238,02	1.578,24

Fonte: Pesquisa AFDLP (UFRGS; UFPel; CNPq, 2003) e pesquisa de campo (2018).

A Tabela 5 também demonstra as mudanças na renda total *per capita* mensal das famílias. Em quase todas as trajetórias aumentou a renda total<sup>6</sup> *per capita* mensal entre os anos pesquisados, sendo o crescimento mais expressivo nas Trajetórias 1 (passando de R\$ 946,01 para R\$ 3.087,85) e 4 (de R\$ 238,02 para R\$ 1.578,24), justamente aquelas que desenvolvem produção agrícola para venda concomitante com a de autoconsumo. A renda total *per capita* mensal da Trajetória 2 se manteve com valores similares entre os anos, refletindo as mudanças na renda agrícola (paralisação da comercialização dos produtos).

Estes resultados reforçam o que já foi encontrado por outros autores, a exemplo de Gazolla e Schneider (2007) e Grisa, Gazolla e Schneider (2010), de que a produção para autoconsumo funciona como um “lastro” básico às formas familiares de produção e trabalho na agricultura. Ao garantir a produção de alimentos próprios para a alimentação do grupo doméstico, os agricultores possuem mais autonomia para construir outras estratégias, seja de renda, diversificação rural e produtiva, atividades não agrícolas, produção comercial, entre outras inserções econômicas e mercantis, o que amplia as margens de manobra na busca de melhores alternativas nos distintos contextos em que estão inseridas.

A contribuição relativa do valor da produção para autoconsumo na renda total das famílias diminuiu em todas as trajetórias. Isso ocorreu também no caso da Trajetória 1 que, ainda que tenha aumentado o valor *per capita* da produção para autoconsumo, essa prática perdeu espaço relativo na composição da renda total em função do expressivo aumento no valor da produção comercial, especialmente de soja, leite e suínos. Nesse caso, o valor da produção para autoconsumo contribuía com 22,29% do valor da renda total no primeiro ano da pesquisa, tendo essa contribuição caído para 9,06% no segundo ano da pesquisa. Entre as famílias dessa trajetória, a renda agrícola manteve-se como a principal fonte na composição de renda total, passando de 66,91% para 65,07% entre os anos estudados. As rendas não agrícolas e de aposentadoria, nos dois anos da pesquisa, contribuíram com, aproximadamente, 15% no valor da renda total dessas famílias.

No caso da Trajetória 2, além da redução do valor *per capita* da produção para autoconsumo, ocorreu a desativação da produção comercial, o que fez a renda proveniente da agricultura perder fortemente sua participação na renda total (passou de 61,89% para 2,17%), tendo ganhado espaço, entre essas famílias, a renda proveniente de aposentadoria (passou de 8,76% para 47,13%), a renda de outras fontes, especialmente arrendamento de terras (passou 0,14% para 21,78%), sendo complementada pela renda não agrícola, que manteve-se em torno de 25% da renda total nos dois anos da pesquisa. Na Trajetória 3 ocorreu a total interrupção das atividades agrícolas e não agrícolas, que respondiam, respectivamente, por 33% e 25% da renda total no primeiro ano da pesquisa. Entre essas

<sup>6</sup> A renda total foi calculada através da soma das distintas modalidades de ingressos monetários das famílias, sendo composta pelas rendas agrícola, não agrícola, previdenciária, outras rendas do trabalho e rendas de outras fontes.

famílias, a renda de aposentadoria passou a predominar, respondendo por 93,42% da renda total no segundo ano do estudo (ante 38,02% no primeiro ano), sendo complementada no segundo ano da pesquisa por renda de outras fontes, destacadamente oriunda do arrendamento de terras.

Nitidamente o que ocorreu nos casos das famílias englobadas pelas trajetórias 2 e 3 foi o envelhecimento de seus membros, que já não possuem condições para continuar os processos produtivos e destinar a força de trabalho necessária para operar a unidade de produção. A aposentadoria torna-se a principal alternativa de renda, elucidando a importância da previdência rural (DELGADO; CARDOSO JR, 2001). Sem sucessão familiar, as famílias destinam os ativos produtivos (como o uso das terras) para terceiros, recebendo dividendos econômicos via arrendamento das áreas, em uma estratégia econômica de complemento da renda da aposentadoria rural. Este processo social tem ocorrido em várias regiões do país e no caso do Estado do RS, está bem documentado no estudo de Boscardin e Conterato (2017).

Entre os casos que compõem a Trajetória 4, a renda de aposentadoria representou cerca de 50% da renda total nos dois anos da pesquisa. A outra metade provinha das atividades não agrícolas, no primeiro ano pesquisado, tendo passado a se originar da agricultura no segundo ano do estudo. Essas famílias passaram a desenvolver produção agrícola também para a venda e, apesar do forte crescimento absoluto do valor da produção para autoconsumo, em termos relativos, essa estratégia perdeu espaço na composição da renda total (passou de 21,33% para 15,08%), dado o crescimento mais intenso no valor absoluto da produção agrícola para venda.

Utilizando o valor da Cesta Básica calculado pelo DIEESE observa-se que, em nenhuma das trajetórias, nos dois anos pesquisados, as famílias alcançaram o valor médio *per capita* mensal de uma cesta básica, considerando-se apenas o valor da produção destinada ao autoconsumo. Considerando o valor da renda total *per capita* mensal, no primeiro ano da pesquisa, apenas as famílias da Trajetória 4 não alcançavam o valor de uma cesta básica *per capita* mensal, enquanto que, no segundo ano da pesquisa, todas as famílias superavam esse valor em, no mínimo, três vezes.

## **Considerações finais**

O trabalho procurou desvendar as diferentes configurações assumidas pela produção para autoconsumo na trajetória das famílias ao longo de 15 anos, em Salvador das Missões/RS. O estudo contribui com a compreensão desta prática social tão importante aos processos de reprodução social dos agricultores familiares, adicionando aos

conhecimentos já existentes, a comparação de dois pontos temporais nas trajetórias das famílias, o que ainda não havia sido realizados pelos estudos rurais brasileiros.

Como achados científicos proeminentes, a pesquisa demonstrou que o autoconsumo sofreu redução em seus valores em todas as famílias pesquisadas. Isso se deve a crescente mercantilização dos espaços rurais, ao aumento dos preços das terras e dos principais produtos agrícolas nos mercados nacionais e internacionais, crescentes necessidades financeiras das famílias, bem como a redução dos grupos domésticos, o que implica em menos bocas e necessidades alimentares internas. Embora esta tendência tenha sido verificada, as famílias não perderam totalmente a sua identidade em relação a produzir seus próprios alimentos para consumo, mantendo diversidade produtiva, especialmente nos grupos alimentares de frutas e hortaliças, que são cultivados com o fim de garantir a SAN do grupo doméstico e sua autonomia em relação aos mercados alimentares. Outro achado interessante é o de que se a produção para autoconsumo decaiu entre os dois períodos analisados, seu cotejo *per capita* indicou aumentos expressivos, que está associado com a diminuição do número de membros dos grupos domésticos, devido aos movimentos de migração rural-urbano, acesso a aposentadoria (envelhecimento) e aos óbitos.

O trabalho também inovou por procurar mapear as trajetórias das famílias nos dois pontos temporais estudados, identificando quatro trajetórias para a produção agrícola comercial e de autoconsumo das unidades de produção. Os dados evidenciaram que, das 58 famílias investigadas, a grande maioria delas (41 famílias) permaneceu mobilizando as estratégias de produção agrícola comercial e de autoconsumo (Trajetória 01), embora a primeira seja muito mais proeminente do que a segunda. O peso desta trajetória demonstra que a maioria dos agricultores familiares estão conseguindo se inserir no padrão moderno de agricultura, aumentando as áreas de terras, o capital existente, acessando crédito rural, inserindo conhecimentos científicos e tecnológicos nos sistemas de produção e colocando-a nos mercados agropecuários de commodities. Nas Trajetórias 2 e 3 há um nítido processo de envelhecimento dos grupos domésticos, sem ocorrer sucessão na unidade. Nestas duas trajetórias, o caminho percorrido tem sido, por um lado, aquele da aposentadoria rural e, de outro, o arrendamento das terras para complementação da renda advinda da política pública de aposentadoria. Enquanto na Trajetória 2, mesmo com redução, a produção para o autoconsumo permanece como uma estratégia de renda não monetária, na Trajetória 3 trata-se de um processo intenso de desagrarização.

Nota-se, desse modo, que mudanças produtivas (incremento da produção de commodities e outros cultivos comerciais), demográficas (envelhecimento e diminuição do tamanho da família) e socioeconômicas (previdência e migrações urbanas) influenciam a prática da produção para autoconsumo. Dada a importância da produção para o autoconsumo para a SAN, autonomia, identidade e sociabilidade das famílias rurais,

chama-se a atenção para a importância de ações públicas que visibilizem e apoiem a realização e a manutenção dessa prática.

## Referências

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Hucitec, 2ª Ed., 1998.

Agricultura familiar, desenvolvimento local e pluriatividade no Rio Grande do Sul: a emergência de uma nova ruralidade - AFDLP. **Relatório final**. Porto Alegre: UFRGS/PGDR; Pelotas: UFPel/PPGA, 2004.

ALMEIDA, H. P.; HOMMA, A. K. O.; MENEZES, A. J. E. A.; FIGUEIRAS, G. C.; NETO, J. T. F. Produção e autoconsumo de açaí pelos ribeirinhos do Município de Igarapé-Miri, Pará. **Research, Society and development**, v.10, n.9, p. 1-16, 2021.

ANJOS, F. S. et al. Abrindo a caixa-verde: estudo sobre a importância do autoconsumo na agricultura familiar gaúcha. *In*: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 42, Cuiabá, 2004. **Anais [...]**. Cuiabá: SOBER, 2004.

BACHA, C. J. C.; STEGE, A. L.; HARBS, R. Ciclos de preços de terras agrícolas no Brasil. **Revista de Política Agrícola**, v.25, n. 4, p. 18-37, 2016.

BELLÉ, A. R. **Muito além do autoconsumo**: as doações e transferências de alimentos nos assentamentos rurais do RS. 2021. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

BOSCARDIN, M.; CONTERATO, M. A. As mudanças nos padrões sucessórios e suas expectativas no destino das propriedades entre agricultores familiares no norte do Rio Grande do Sul. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 25, n. 3, p. 671-695, 2017.

BRANDÃO, C. R. **Plantar, colher, comer**: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 9. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Editora Nueva Vision, 1974.

COELHO, D. C.; FABRINI, J. E. Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio. **Revista Nera**, n.25, p. 71-87, 2014.

CONTERATO, M. A. et al. Mercantilização e mercados: a construção da diversidade da agricultura na ruralidade contemporânea. *In*: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (org.). **Os atores do desenvolvimento rural**: perspectivas teóricas e práticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 67-89.

DELGADO, G. C.; CARDOSO JR., J. C. Universalização dos direitos sociais no Brasil: a previdência rural nos anos 90. *In*: LEITE, S. (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 225-250

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE. **Metodologia da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos**. 2016. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/metodologia/metodologiaCestaBasica2016.pdf>>. Acesso em: ago. 2021.

DORIGON, C.; NESI, C. N.; TONEZER, C.; HAAG, A. L. A produção de alimentos para o autoconsumo em famílias de agricultores da região oeste do Estado de Santa Catarina. **Revista Redes**, v.25, p. 2060-2085, 2020.

DOS SANTOS, I. P.; FERRANTE, V. L. S. B. **Da terra nua ao prato cheio**: produção para o consumo familiar nos assentamentos rurais do Estado de São Paulo. Araraquara: Fundação ITESP/UNIARA, 2003.

DUTRA, L. V.; MORAIS, D. C.; SANTOS, R. H. S.; FRANCESCHINI, S. C. C.; PRIORE, S. E. Contribution of the production for self-consumption to food availability and food security in house holds of the rural area of a Brazilian city. **Ecology of food and nutrition**, p. 1-19, 2018.

FIORESE, J. C. P. **A produção para autoconsumo na agricultura familiar**: uma questão de liberdade alimentar. 2017. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2017.

FONTOURA, A. F. **A produção para autoconsumo**: características e importância para os sistemas de produção de pecuária familiar da fronteira oeste do RS. 2012. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

FRITZ, E. R.; OLIVEIRA, S. V.; ANDREATTA, T.; LAGO, A. A. Análise do mercado de terras no estado do Rio Grande do Sul. *In*: Seminário de Jovens Pesquisadores em Economia e Desenvolvimento, 3, 2018, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: UFSM, 2018.

GARCIA JUNIOR, A. R. **Terra de trabalho**: trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA JUNIOR, A. R. **O sul**: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora UnB/MCT-CNPQ, 1989.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas**: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 15, n. 01, p. 89-122, 2007.

GRIGOL, N. S.; MOLINA, S. M. G.; SANT'ANA, G. C.; GARAVELLO, M. E. P. E. Produção para autoconsumo e segurança alimentar entre assentamentos rurais do Alto Xingu, Mato Grosso, Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.60, n.2, p. 1-19, 2022.

GRISA, C. **A produção “pro gasto”**: um estudo comparativo do autoconsumo no Rio

Grande do Sul. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A “produção invisível” na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, v. 16, n. 31, p. 65-69, 2010.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S.; CONTERATO, M. A produção para autoconsumo no Brasil: uma análise a partir do Censo Agropecuário 2006. *In*: SCHNEIDER, S.; FERREIRA, B.; ALVES, F. **Aspectos multidimensionais da Agricultura Brasileira**: diferentes visões do Censo Agropecuário 2006. Brasília: IPEA, 2014.

GRISA, C.; TECCHIO, A.; CHECHI, L. A.; SABOURIN, E. As práticas produtivas e alimentares no espaço rural do Oeste de Santa Catarina: a ação pública na busca e na crítica à modernidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v.28, n.1, p. 78-108, 2020.

HEREDIA, B. M. A. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAEHN, E. A importância do autoconsumo da renda das famílias assentadas no Rio Grande do Sul. 2019. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Centro de Ciência Rurais – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

LEITE, S. P. Orçamentos familiares e estratégias socioeconômicas em assentamentos rurais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 21, p. 118-151, 2003.

LIMA, A. J. P.; BASSO, N.; NEUMANN, P. S.; SANTOS, A. C.; MÜLLER, A. G. **Administração da unidade de produção familiar**: modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995.

LONG, N. **Sociología del desarrollo: una perspectiva centrada en el actor**. México: Ciesas, 2007.

LOVISOLO, H. R. **Terra, trabalho e capital**: produção familiar e acumulação. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

MAIA, A. G. O esvaziamento demográfico rural. *In*: BUAINAIN, A. M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J. M.; Navarro, Z. (Orgs.). **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: EMBRAPA, 2014. p. 1081-1099.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora ATLAS, 2010.

MARQUES, F. C. et al. Circulação de alimentos: dádiva, sociabilidade e identidade. *In*: MENASCHE, R. (Org.). **A agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 154-176.

MENASCHE, R. **A agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

NASCIMENTO, V. S.; THIES, V. F. Produção para o autoconsumo e compra de alimentos no sul da Bahia: o caso do assentamento Bom Jesus. **Extensão rural**, v.27, n.3, p. 65-83, 2020.

NIEDERLE, P. A. et al. Estilos de agricultura: capturando a diversidade do rural contemporâneo. *In*: CONTERATO, M. et al. (Org.). **Pesquisa em desenvolvimento rural: aportes teóricos e proposições metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014. p. 205-225.

PERKOSKI, A. F.; SODER, M.; MILBAIA, B. M.; SERVAT, M. E. A mensuração dos gastos mensais relativos à cesta básica no município de Três de Maio – RS. *In*: Salão de Pesquisa SETREM, 16, 2018, Três de Maio. **Anais [...]**. Três de Maio: SETREM, 2018.

PLOEG, J. D. V. D. Differentiation: old controversies, new insights. **The Journal of Peasant Studies**, p. 489-524, 2017.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

RAMOS, M.O. **A “comida da roça” ontem e hoje: um estudo etnográfico dos saberes e práticas alimentares de agricultores de Maquiné (RS)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, K. M. P.; GARAVELLO, M. E. P. E. Segurança alimentar em comunidades quilombolas de São Paulo. **Segurança alimentar e nutricional**, v.23, n.1, p.786-794, 2016.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

SCHNEIDER, S. Mercados e agricultura familiar. *In*: MARQUES, F. C., CONTERATO, M. A., SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 93-140.

SCHNEIDER, S.; FERREIRA, B.; ALVES, F. **Aspectos multidimensionais da agricultura brasileira: diferentes visões do Censo Agropecuário 2006**. Brasília: IPEA, 2014. 402 p.

SILVA, L. J. S.; MENEGHETTI, G. A.; MORENO, A. A.; SILVA, K. E.; PINHEIRO, J. O. C. Produção para autoconsumo na Floresta Nacional (Flona) do Pau-Rosa, Maués, AM. *In*: Anais workshop de Pesquisa e Agricultura Familiar: fortalecendo a interação da Pesquisa para Inovação e Sustentabilidade na Amazônia, Brasília, 2016. **Anais [...]**. Brasília: Embrapa, 2016.

SILVEIRA, F. G. O trabalho agrícola no *boom* do agronegócio e na expansão das políticas públicas para a pequena agricultura. **Mercado de Trabalho**, n. 63, p. 28-38, 2017.

SIQUEIRA, A. C. **Saúde rural, da terra à mesa: práticas alimentares pelo olhar de famílias agroecológicas do Vale do Rio Pardo, RS**. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

TONEZER, C.; PINEHIRO, E.; PAGNUSSAT, L. Quanto vale a produção para o autoconsumo no meio rural? Um estudo de caso no município de Coronel Freitas no Oeste Catarinense. **Extensão rural**, v.26, n.4, p. 90-107, 2019.

THIES, V. F. **Desagrarização e concentração produtiva: análise longitudinal das trajetórias da agricultura familiar nas Missões do RS**. 2020. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

---

### Sobre os autores

---

**Vanderlei Franck Thies** – Engenheiro Agrônomo (UFPel), Mestre e Doutor em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Professor visitante no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Viamão. **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0003-0647-1906>.

---

**Catia Grisa** – Engenheira Agrônoma (UFPel), Mestra e Doutora em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0001-6685-4875>.

---

**Marcio Gazolla** – Graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campus Pato Branco/PR. Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR - Mestrado e Doutorado). **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0002-4807-6683>.

---

### Como citar este artigo

---

THIES, Vanderlei Franck; GRISA, Catia; GAZOLLA, Marcio. Trajetórias da produção agrícola e do autoconsumo na agricultura familiar de Salvador das Missões/RS: uma análise longitudinal entre os anos de 2002 e 2017. **Revista NERA**, v. 26, n. 65, p. 04-27, jan.-abr., 2023. **Revista NERA**, v. 26, n. 65, p. 137-161, jan.-abr., 2023.

---

### Declaração de Contribuição Individual

---

As contribuições científicas presentes no artigo "Trajetórias da produção agrícola e do autoconsumo na agricultura familiar de Salvador das Missões/RS: uma análise longitudinal entre os anos de 2002 e 2017" foram construídas em conjunto pelos autores. As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas pelo conjunto dos três autores. A autora **Catia Grisa** ficou mais responsável pelo desenvolvimento teórico- conceitual; o autor **Vanderlei Frank Thies**, pela aquisição de dados e suas interpretações e análise; e o terceiro autor, **Marcio Gazolla**, pelos procedimentos técnicos e de tradução do artigo.

Recebido para publicação em 27 de janeiro de 2022.

Devolvido para a revisão em 25 de janeiro de 2023.

Aceito a publicação em 07 de fevereiro de 2023.

---

*O processo de editoração deste artigo foi realizado por Lorena Izá Pereira e Camila Ferracini Origuéla.*

---